

por *Marcelo de Mello Rangel*

O artigo de Pedro M. S. Alves, intitulado – “É a autocoscência uma forma de intencionalidade?” -, tematiza as noções de intencionalidade e de autocoscência no interior da tradição fenomenológica, propondo um deslocamento de seu horizonte de leitura, passando do modelo conjuntivo brentiano ao modelo projetivo da autoconsciência, e isto a partir da filosofia husserliana. O autor compreende, ao fim, que uma descrição e compreensão adequadas da autoconsciência não seriam possíveis a partir da teoria da intencionalidade mais propriamente brentiana. Fabíola Menezes Araújo, em seu texto – “*Dasein* da sexualidade: Uma proposta de diálogo entre Freud, Lacan e a analítica existencial heideggeriana” -, se dedica à noção lacaniana de *Dasein* da sexualidade, a qual descreve o *Dasein* como sendo um ente determinado pela sexualidade, movendo-se no interior da tensão entre *Eros* e *Thanatos*, a qual é fundamental à ordenação simbólica e à reativação do recalcado, ou ainda, trata-se do próprio movimento de constituição de sentidos a partir da repetição de acontecimentos simbólicos transcendentais ou maximamente desconhecidos. Ana Maria Lopes Calvo de Feijoo, Myriam Moreira Protasio e Vanessa da Cunha Magna em – “Análise da escolha profissional: orientação ou libertação?” -, se dedicam à tematização do problema da orientação vocacional a partir do que chamam de filosofias da existência de Kierkegaard e de Heidegger. Ao fim, o que está em questão é uma compreensão fenomenológico-existencial do problema da vocação, ou ainda em outras palavras, trata-se de um questionamento de toda e qualquer orientação que se constitua a partir de elementos como a certeza e a interioridade, e isto tendo como base um posicionamento descritivo dedicado à compreensão de determinados mundos no interior e a partir dos quais decisões singulares são possíveis. Roberto Novaes Sá em seu – “Considerações fenomenológico-existenciais sobre as relações entre filosofia e psicoterapia” -, descreve a psicoterapia moderna, explicitando o que chama de uma ambigüidade essencial, a saber, trata-se de uma atividade que é, a um só tempo, uma ciência aplicada própria à evidenciação de enunciados verdadeiros, e, também, uma tarefa que se dedica à compreensão de um ente o qual é marcado pela singularidade e por uma transcendência irreduzível. O autor se dedica, então, à redução desta ambigüidade a partir de

uma aproximação radical entre psicoterapia e filosofia, especialmente a partir da fenomenologia-existencial. Em – “Abuso sexual: hermenêutica e reflexões existenciais – uma compreensão gestáltica” -, Iana Sara Silva de Alencar tematiza o problema do abuso sexual a partir do que chama de ponto de vista da própria vítima, buscando escapar a enunciados e saberes sedimentados pretensamente universais, evidenciando, assim, que a tarefa da psicoterapia é a de reconstituir e compreender os mundos próprios das vítimas, e isto visando à descrição e evidenciação de possibilidades singulares irreduzíveis. Suely Emilia de Barros Santos, Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto e Henriette Tognetti Penha Morato, no artigo – “Produção nos PPGs sobre ação clínica numa perspectiva fenomenológico existencial: análise compreensiva” -, explicitam e tematizam resultados obtidos em investigações acerca da presença da perspectiva fenomenológico-existencial em pesquisas dedicadas a ações clínicas e práticas psicológicas no interior de programas de pós-graduação no Brasil, procedendo a uma análise compreensiva, e isto a partir de um diálogo com filósofos como Gadamer e Heidegger. Em – “A experiência da *empatia* em Edmund Husserl” -, Devair Gonçalves Sanchez se dedica à descrição do conceito de empatia (*Einfühlung*) a partir das “Meditações Cartesianas”, questionando a compreensão de que partir da *epoché* husserliana teríamos o aparecimento de um eu determinado pelo isolamento ou solipsismo radical, e isto através da tematização e retenção do “Próprio” e do “Outro” na quinta meditação. E, por fim, Marcelo Inague Júnior, no artigo intitulado – “Consciência, corpo e liberdade: perspectivas a partir de *O Ser e o Nada*” -, tematiza os problemas do corpo e da liberdade, da consciência intencional, a partir da obra de Sartre. Neste sentido, o autor investiga compreensões próprias às tradições fenomenológicas como as de mundo e de *facticidade*, pensando consciência e corpo como intimamente relacionados.

A tradução do artigo, de Dan Zahavi – “Você, eu e nós: o compartilhamento de experiências emocionais” -, trata da questão da intencionalidade coletiva, da natureza do nós, propondo que, ao contrário do que ocorre no interior de abordagens científicas orientadas pelo imperativo teórico da explicação e do esgotamento dos comportamentos em geral, torna-se necessária a descrição e a compreensão dos comportamentos coletivos como parte de relações afetivas e emocionais, as quais, por sua vez, não são capazes de esgotar as diferenças que constituem e também orientam toda e qualquer relação. Em “A filosofia da ciência de Heidegger” temos a tradução de um importante artigo

de Joseph Rouse, no qual ele discute o lugar da reflexão e críticas sobre ciência na filosofia de Heidegger, mostrando as diferentes posições deste autor sobre o tema ao longo de sua obra.

Temos, ainda, a resenha de Marcelo Vieira Lopes dedicada ao livro de Jesús Adrián Escudero intitulado – “Heidegger y la Genealogía de la Pregunta por el Ser – Una articulación temática y metodológica de su obra temprana” -, na qual apresenta a investigação proposta por Jesús Adrián acerca da pergunta heideggeriana pelo ser a partir de textos anteriores ao “Ser e Tempo”.

Agradecemos a todos e desejamos uma boa leitura!